

ENTRE A RESEX E A CIDADE: A FEIRA MUNICIPAL DE PORTO DE MOZ COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO SOCIOESPECIAL

BETWEEN THE RESEX AND THE CITY: THE MUNICIPAL MARKET OF PORTO DE MOZ AS A SPACE OF SOCIO-SPATIAL MEDIATION

ENTRE LA RESEX Y LA CIUDAD: LA FERIA MUNICIPAL DE PORTO DE MOZ COMO ESPACIO DE MEDIACIÓN SOCIOESPECIAL

José Antônio Herrera¹

 0000-0001-8249-5024
herrera@ufpa.br

Caroline Costa Batista²

 0009-0008-9442-7131
caroline.batista@altamira.ufpa.br

Thayse Rocha de Moraes³

 0009-0005-4336-4589
thayse.moraes@altamira.ufpa.br

Gleiciely Barroso Carvalho⁴

 0000-0001-8849-9317
gbctiely@gmail.com

1 Doutor em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará-PPGEO/FacGeo/UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8249-5024>. E-mail: herrera@ufpa.br.

2 Graduanda em Geografia - Universidade federal do Pará-UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9442-7131>. E-mail: caroline.batista@altamira.ufpa.br.

3 Graduanda em Geografia - Universidade federal do Pará-UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4336-4589>. E-mail: thayse.moraes@altamira.ufpa.br.

4 Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia e da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará-PPGEO/FacGeo/UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8849-9317>. E-mail: gbctiely@gmail.com.

RESUMO: Este trabalho analisa a feira municipal de Porto de Moz (PA) como espaço de mediação socioespacial entre a cidade e a Reserva Extrativista Verde para Sempre (RESEX-VPS). A pesquisa, de caráter qualitativo e quantitativo, apoia-se em revisão bibliográfica e em atividades de campo realizadas em 2022 e 2025, que incluíram a aplicação de formulários a feirantes e comerciantes locais. A sistematização qualitativa e quantitativa dos dados permitiu identificar a origem das mercadorias, os principais produtos provenientes da RESEX e a percepção dos agentes sobre a importância do rio e do trapiche no abastecimento urbano. Os resultados indicam que, embora a maior parte dos produtos comercializados seja oriunda de cidades vizinhas e capitais regionais, os itens da RESEX – como farinha de mandioca, pescado, mel e óleos vegetais – possuem maior relevância simbólica e cultural. Conclui-se que a feira municipal se constitui como um locus de sociabilidade, resistência cultural e reprodução de vínculos territoriais, caracterizando Porto de Moz como cidade ribeirinha amazônica.

Palavras-chave: Feira municipal. RESEX Verde para Sempre. Cidade ribeirinha. Amazônia.

ABSTRACT: This study analyzes the municipal market of Porto de Moz (PA) as a space of socio-spatial mediation between the city and the Verde para Sempre Extractive Reserve (RESEX-VPS). The research is based on bibliographic review and fieldwork conducted in 2022 and 2025, including the application of questionnaires to vendors and local traders. The qualitative and quantitative systematization of the data made it possible to identify the origin of the goods, the main products supplied by the RESEX, and the perceptions of local agents regarding the importance of the river and the pier for urban supply. The results show that, although most of the products sold come from nearby towns and regional capitals, items from the RESEX—such as manioc flour, fish, honey, and vegetable oils—hold greater symbolic and cultural significance. It is concluded that the municipal market constitutes a locus of sociability, cultural resistance, and territorial identity, characterizing Porto de Moz as an Amazonian riverine city.

Keywords: Municipal market. Extractive reserve. Riverine city. Amazon.

RESUMEN: Este estudio analiza la feria municipal de Porto de Moz (PA) como un espacio de mediación socioespacial entre la ciudad y la Reserva Extractivista Verde para Sempre (RESEX-VPS). La investigación se basa en revisión bibliográfica y en trabajo de campo realizado en 2022 y 2025, incluyendo la aplicación de cuestionarios a feriantes y comerciantes locales. La sistematización cualitativa y cuantitativa de los datos permitió identificar el origen de las mercancías, los principales productos provenientes de la RESEX y las percepciones de los agentes locales sobre la importancia del río y del muelle en el abastecimiento urbano. Los resultados muestran que, aunque la mayor parte de los productos comercializados proviene de ciudades cercanas y capitales regionales, los artículos de la RESEX —como harina de mandioca, pescado, miel y aceites vegetales— poseen mayor relevancia simbólica y cultural. Se concluye que la feria municipal constituye un locus de sociabilidad, resistencia cultural y vínculos territoriales, caracterizando a Porto de Moz como una ciudad ribereña amazónica.

Palabras clave: Mercado municipal. Reserva extractivista. Ciudad ribereña. Amazonía.

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização da Amazônia desenvolveu-se de forma singular em relação às demais regiões brasileiras, resultado de intervenções estatais, políticas desenvolvimentistas e projetos estratégicos que buscaram integrar a região ao sistema capitalista e à economia nacional. Entre essas iniciativas, destaca-se o Programa de Integração Nacional (PIN), implementado durante o regime militar, cujo objetivo central foi promover a ocupação territorial e intensificar a exploração dos recursos naturais (Castro, 2024; Souza, 2000).

Diversos autores interpretam a urbanização amazônica a partir de fases históricas que moldaram sua configuração socioespacial. A primeira delas remonta à chegada dos colonizadores europeus, marcada pela exploração da floresta com base no trabalho escravizado de indígenas e negros, tendo os rios como principal via de acesso, circulação e estruturação do território. Nesse contexto, sobretudo portugueses e holandeses estabeleceram missões religiosas destinadas à catequese de povos nativos, originando aldeamentos que, com o tempo, se transformaram em vilas e, posteriormente, em cidades. Muitas dessas localidades permanecem até hoje, como é o caso de Porto de Moz (Pinto, 2017).

Outra fase decisiva ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, quando a ditadura militar intensificou a exploração dos recursos naturais por meio de grandes projetos minerais, madeireiros e energéticos, como Serra do Navio, Grande Carajás e Jarí, além da construção das hidrelétricas de Tucuruí e Balbina (Becker, 2005; Castro, 2024). Esses empreendimentos aceleraram a ocupação da região, reorganizaram sua estrutura urbana e aprofundaram a tensão entre conservação ambiental e exploração econômica.

Localizada na mesorregião do Baixo Xingu e banhada pelos rios Xingu e Amazonas (IBGE, 2024), Porto de Moz insere-se nesse contexto histórico e geográfico. Fundada como aldeamento missionário, a cidade mantém, ainda hoje, uma forte relação simbólica e material com os rios e a floresta, sustentada por práticas extrativistas e modos de vida ribeirinhos (Castro, 2025; Pinto, 2017). Essa condição foi reafirmada com a criação da Reserva Extrativista Verde para Sempre (RESEX-VPS), iniciativa que busca conciliar preservação ambiental e geração de renda para populações tradicionais.

Nesse cenário, a feira municipal de Porto de Moz assume papel central como espaço de mediação socioeconômica entre a cidade e a RESEX. Situada às margens do rio Xingu, a feira extrapola a função meramente comercial: constitui-se como espaço de sociabilidade, de reprodução cultural e de circulação de saberes. Mais do que um ponto de abastecimento, ela expressa as contradições e potencialidades de uma pequena cidade amazônica, articulando elementos urbanos e extrativistas e reforçando sua condição ribeirinha.

Assim, este artigo tem por objetivo compreender como a feira municipal de Porto de Moz atua como mediadora das relações entre a cidade e a RESEX Verde para Sempre. Para alcançar tal propósito, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados, uma discussão teórica sobre cidades pequenas e ribeirinhas na Amazônia e, por fim, os principais resultados da pesquisa de campo, evidenciando que a feira, além de espaço econômico, constitui-se como lócus de identidade territorial e de reprodução social, reafirmando a centralidade de Porto de Moz como cidade ribeirinha amazônica.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida mediante a articulação de procedimentos bibliográficos e empíricos, com o objetivo de compreender a feira municipal de Porto de Moz como espaço de mediação socioeconômica entre a cidade e a Reserva Extrativista Verde para Sempre (RESEX-VPS). A adoção de múltiplas fontes e técnicas buscou garantir amplitude analítica e coerência com a complexidade do fenômeno investigado.

Levantamento bibliográfico

Inicialmente, realizou-se um levantamento de teses, dissertações e artigos científicos sobre urbanização amazônica, cidades pequenas, circuitos econômicos urbanos e relações campo-cidade. Esse corpus teórico permitiu situar Porto de Moz no contexto das cidades ribeirinhas amazônicas e forneceu os fundamentos analíticos necessários à interpretação dos dados empíricos. Conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é indispensável para sistematizar o conhecimento existente e orientar a delimitação do objeto.

Atividades de campo

As atividades de campo foram conduzidas em dois momentos distintos, como parte das expedições sistemáticas do Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais da Amazônia (LEDTAM):

- 2022: aplicação de 84 formulários em diferentes áreas da cidade, abrangendo o centro (feira municipal e camelódromo) e bairros periféricos, com o objetivo de compreender a dinâmica urbana e comercial de modo ampliado;
- 2025: aplicação de 40 formulários especificamente na feira municipal e no setor comercial central. Desses, 19 foram selecionados para análise detalhada por abordarem diretamente comerciantes que trabalham com produtos oriundos da RESEX-VPS.

Os formulários continham perguntas abertas e fechadas, possibilitando captar tanto dados quantitativos (origem, diversidade e volume das mercadorias) quanto qualitativos (percepções sobre o papel da feira e a importância do rio no abastecimento). A combinação entre abordagens, conforme destaca Minayo (2016), permite aprofundar dimensões objetivas e subjetivas dos fenômenos sociais.

Organização e análise dos dados

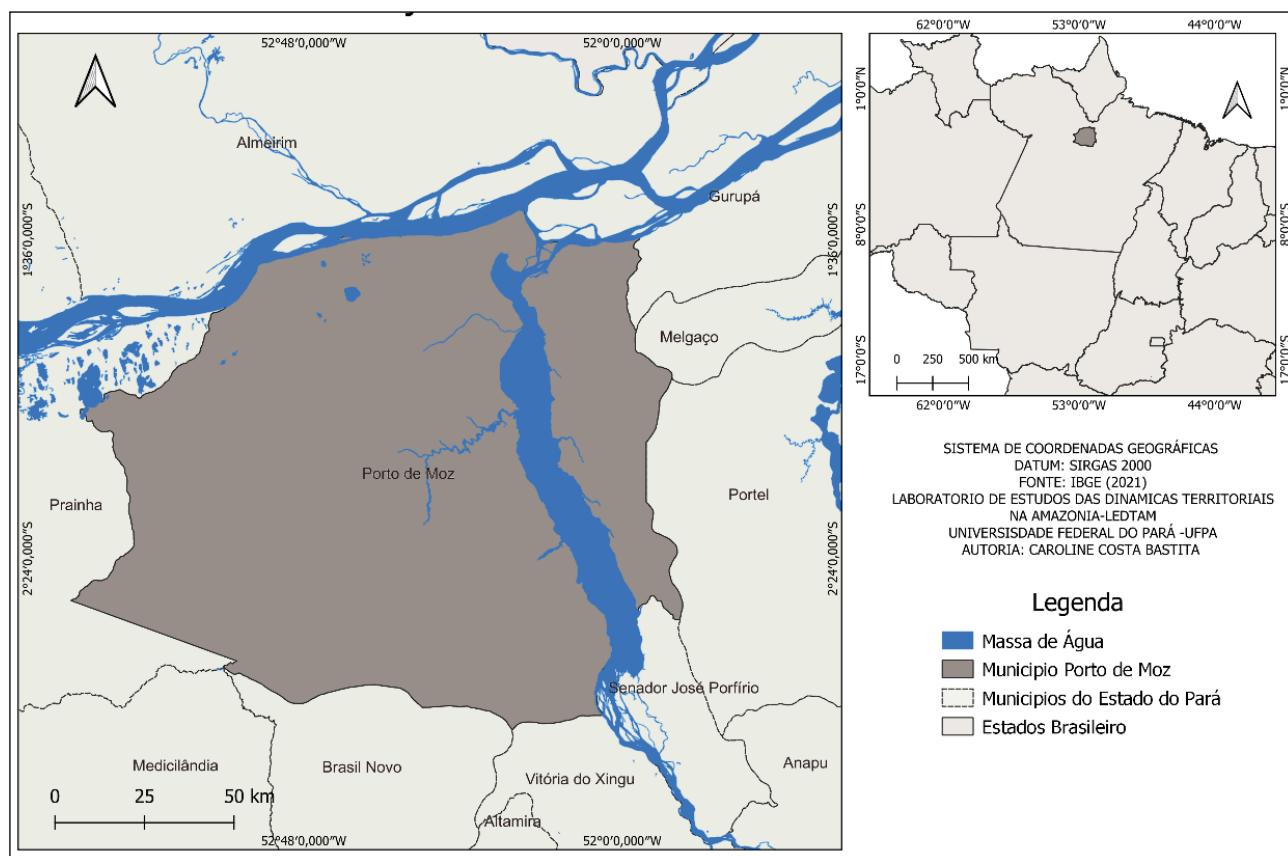
Os dados foram sistematizados em planilhas eletrônicas, o que possibilitou a construção de tabelas e gráficos. A análise concentrou-se nos seguintes eixos:

1. origem das mercadorias comercializadas;
2. identificação dos principais produtos provenientes da RESEX;
3. importância do rio Xingu e do trapiche para o abastecimento da feira;
4. percepções dos comerciantes sobre a relevância da feira para suas atividades.

Para a interpretação dos resultados, adotou-se a perspectiva qualitativa, entendida como processo que não se limita à descrição, mas busca interpretar práticas sociais a partir das contradições vividas pelos sujeitos (Thiollent, 2011).

Área de estudo

O município de Porto de Moz está localizado na mesorregião do Baixo Xingu, sudoeste do Pará, com área territorial de 17.423,017 km², dos quais aproximadamente 75% correspondem à RESEX Verde para Sempre (IBGE, 2024). Fundada em 1639, como um aldeamento missionário pelos Capuchinhos da Congregação de São José (Pinto, 2017), a cidade apresenta forte relação histórica com a dinâmica fluvial e extrativista.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 1. Localização de Porto de Moz – PA.

A escolha da feira municipal como setor de análise justifica-se por se tratar de um espaço privilegiado de contato entre o urbano e o extrativista, onde se manifestam práticas comerciais tradicionais, circulação de produtos da floresta e interações sociais que expressam a condição ribeirinha local.

Historicamente, Porto de Moz experimentou ciclos econômicos marcados pela exploração de recursos naturais. Até a década de 1980, a economia local era fortemente dependente da madeira, atividade impulsionada pela instalação de serrarias. Com a criação da RESEX, essa atividade foi sendo restringida, induzindo a busca por alternativas sustentáveis de geração de renda e valorizando o extrativismo tradicional (Castro, 2024; Pinto, 2017).

Assim, compreender a feira municipal significa compreender também as transformações econômicas, territoriais e culturais que atravessam o município e suas comunidades ribeirinhas.

BREVE PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE CIDADES PEQUENAS NA AMAZÔNIA – VERSÃO REVISADA

A compreensão das cidades amazônicas exige considerá-las como construções históricas e sociais, marcadas por contradições inerentes à sua inserção no espaço geográfico. Como afirma Carlos (2024), a cidade deve ser entendida como resultado das relações sociais e das transformações do espaço, constituindo-se como lócus de produção e reprodução da vida. Essa perspectiva amplia o entendimento da cidade para além de sua materialidade, evidenciando-a como território vivido, onde se expressam práticas cotidianas, desigualdades e múltiplas formas de apropriação.

Ao analisar as cidades pequenas, torna-se necessário observar suas particularidades. Para Coutinho (2011), tais cidades apresentam formas próprias de organização produtiva, cultural e política, o que lhes confere diferentes graus de integração com centros médios e grandes. Tal característica relativiza a noção de isolamento, evidenciando que, mesmo cidades de pequeno porte mantêm fluxos intensos de relações econômicas e sociais em diversas escalas.

Na Amazônia, essas especificidades se tornam ainda mais pronunciadas. Segundo Castro (2024), as cidades pequenas amazônicas revelam dinâmicas complexas moldadas pela reduzida escala populacional, pela menor extensão territorial e pela forte dependência das condições naturais. Nesse contexto, o rio desempenha papel estruturante, atuando não apenas como via de circulação de mercadorias e pessoas, mas também como espaço simbólico de sociabilidade e identidade cultural. É nessa direção que Trindade Jr. e Tavares (2008) destacam que as cidades ribeirinhas se organizam em torno do rio e da floresta, produzindo relações socioespaciais singulares que articulam práticas tradicionais com novas formas de inserção econômica.

Esse caráter híbrido evidencia o que Milton Santos (1978) denominou “círculo inferior da economia urbana”. Trata-se de atividades comerciais de pequena escala, baseadas no trabalho manual, em redes de proximidade e em forte componente cultural. No caso das cidades ribeirinhas amazônicas, o círculo inferior manifesta-se em práticas como feiras e mercados locais, que, ao mesmo tempo em que reforçam tradições, articulam-se a fluxos externos e a circuitos econômicos mais amplos.

A contribuição de Lefebvre (2008) também é fundamental para esse debate, ao conceber o espaço como produto das relações sociais, no qual se projetam as contradições da vida urbana. Assim, feiras e outras práticas comerciais em cidades pequenas amazônicas não devem ser compreendidas apenas como instâncias econômicas, mas como espaços de sociabilidade, articulação territorial e reprodução cotidiana da vida social.

Porto de Moz se insere plenamente nesse contexto de cidade pequena amazônica e ribeirinha. Desde sua formação como aldeamento, mantém relação estreita com os rios e a floresta (Castro, 2024; Pinto, 2017). Sua dinâmica produtiva combina atividades extrativistas com práticas comerciais tradicionais, como a feira municipal, que evidencia articulações e tensões entre o urbano e o rural. Ao mesmo tempo em que incorpora novas formas de circulação – como o uso de meios digitais de pagamento e a chegada de mercadorias de cidades vizinhas e capitais – a cidade preserva práticas tradicionais de sociabilidade e produção.

Assim, ao dialogar com os autores, reconhece-se que Porto de Moz expressa elementos centrais das cidades pequenas amazônicas:

- (i) uma construção social marcada por contradições (Carlos, 2024; Lefebvre, 2008);
- (ii) um espaço articulado a centros regionais e redes externas (Coutinho, 2011);

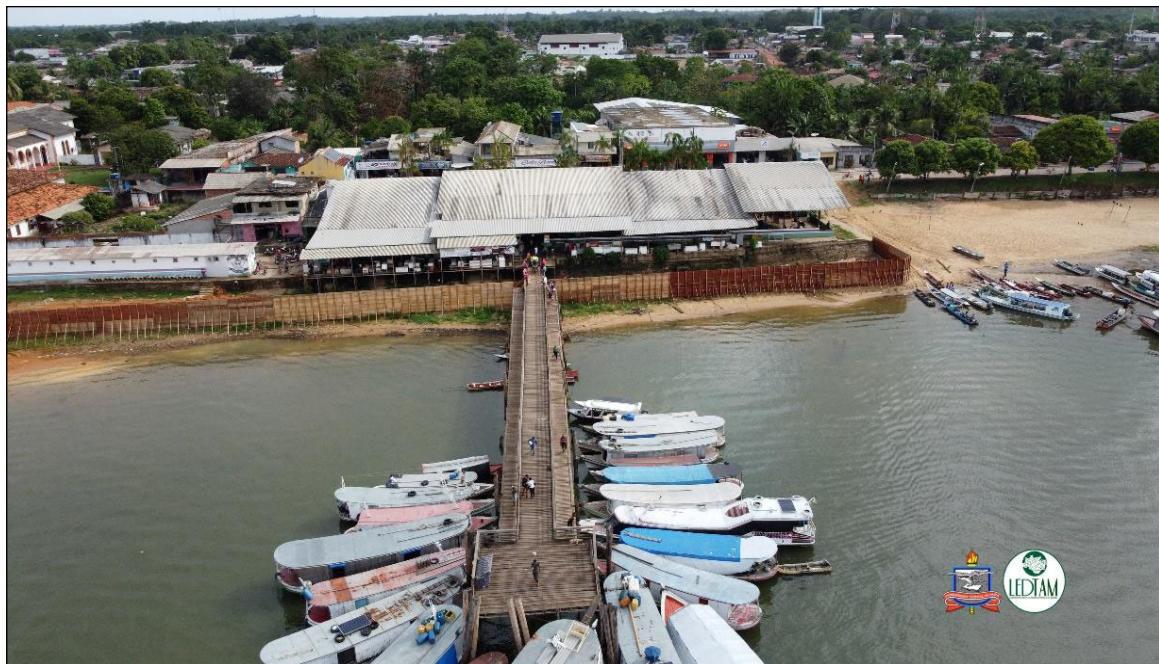
- (iii) uma cidade ribeirinha estruturada pelo rio e pela floresta (Trindade Jr.; Tavares, 2008);
(iv) um território no qual predomina o circuito inferior da economia urbana (Santos, 1978).

Essa síntese permite compreender a feira municipal não apenas como espaço econômico, mas como lócus cultural e simbólico, no qual se expressam múltiplas escalas, temporalidades e formas de vida urbana amazônica.

A FEIRA MUNICIPAL COMO UM ESPAÇO DE MEDIAÇÃO SOCIOESPECIAL

A cidade de Porto de Moz mantém-se profundamente enraizada nas relações estabelecidas com o rio e a floresta, ao mesmo tempo em que dialoga com dinâmicas econômicas associadas a mercados externos, intensificadas pelo processo de globalização. A feira municipal constitui um dos espaços que melhor expressam essa articulação entre diferentes escalas e territorialidades, reunindo produtos provenientes tanto da RESEX Verde para Sempre quanto de cidades vizinhas e de capitais regionais, como Belém e Macapá.

Na Figura 2 observa-se a estrutura externa da feira municipal de Porto de Moz, localizada às margens do rio Xingu. A imagem evidencia sua posição estratégica no tecido urbano, refletindo a centralidade do ambiente fluvial para o abastecimento e a circulação de mercadorias. A proximidade com o trapiche reforça a condição ribeirinha da cidade, permitindo o fluxo contínuo de pessoas, produtos e saberes entre as comunidades extrativistas e o núcleo urbano.



Fonte: Coleta de campo/ledtam.

Figura 2. Feira municipal da cidade de Porto de Moz.

A pesquisa de campo reforça a centralidade do rio na dinâmica urbana de Porto de Moz. A maioria dos entrevistados indicou o rio como principal meio de transporte de pessoas e mercadorias, destacando que as estradas terrestres ainda apresentam condições precárias, sobretudo durante o

período chuvoso. Assim, o rio consolida-se como via estruturante da circulação local, enquanto a feira municipal atua como o espaço que concentra, redistribui e materializa esses fluxos.

Nas cidades ribeirinhas amazônicas, o rio é elemento essencial da vida cotidiana e da economia, e em Porto de Moz essa lógica se manifesta plenamente. De acordo com a pesquisa, 40% dos entrevistados consideram o porto e o trapiche “muito importantes” para suas atividades comerciais, enquanto outros 3% os classificam como “importantes”. Tal percepção confirma o que Cornélio (2021, p. 52) descreve como o “rio como um espaço e um agente natural propulsionador do mosaico urbano”.

Para a população, o rio representa não apenas um meio de transporte, mas o elo que conecta as comunidades ribeirinhas à cidade, possibilitando a entrada e saída de mercadorias, o deslocamento cotidiano e a manutenção dos vínculos sociais e econômicos.

A feira municipal está situada no centro da cidade, às margens do rio Xingu, evidenciando a centralidade da paisagem fluvial na organização urbana. Ao lado da feira encontra-se o trapiche, infraestrutura fundamental para o embarque e desembarque de pessoas e produtos. Como destaca Castro (2024), o trapiche desempenha papel vital para a população ribeirinha, facilitando o acesso à feira para aqueles que chegam de barco ou rabetá e articulando atividades comerciais, de lazer e de mobilidade.



Fonte: Coleta de campo/Ledtam, 2023, 2024.

Figura 3. Estrutura interna da feira municipal.

Na Figura 3 observa-se o espaço interno de comercialização da feira municipal de Porto de Moz (PA). A imagem evidencia a dinâmica de circulação de produtos provenientes tanto das comunidades da RESEX Verde para Sempre quanto de outras regiões, incluindo cidades vizinhas e, ocasionalmente, capitais como Belém e Macapá.

A estrutura interna da feira expressa de maneira clara os elementos característicos do circuito inferior da economia urbana, conforme formulado por Santos (1978). Trata-se de um ambiente marcado pela pequena escala de produção, pelo trabalho manual e por relações comerciais baseadas em proximidade, confiança e baixa formalização. Embora haja articulações com outros territórios e certo uso de tecnologias contemporâneas – como pagamentos digitais e logística regional – o cotidiano da feira permanece ancorado em práticas tradicionais, simples e predominantemente informais.

Entre os produtos comercializados, o peixe e a farinha se destacam como os itens mais representativos. Ambos reforçam a forte relação entre a cidade e a RESEX: grande parte da farinha vendida na feira é produzida nas comunidades extrativistas da Verde para Sempre, enquanto o pescado provém dos afluentes do rio Xingu que atravessam a reserva. Esses produtos simbolizam não apenas a dependência econômica da floresta e dos rios, mas também a continuidade de práticas alimentares e culturais que estruturam o modo de vida ribeirinho.

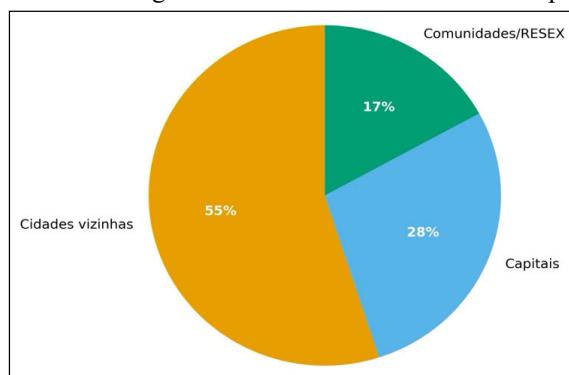


Fonte: Coleta de campo/Ledtam, 2023.

Figura 4. Produtos de comercialização na feira municipal.

Entre os produtos comercializados, destacam-se a farinha de mandioca e o pescado, ambos diretamente vinculados às comunidades da RESEX Verde para Sempre. A presença desses itens reafirma o papel da feira municipal como elo entre o urbano e o extrativista, evidenciando a relação cotidiana entre a cidade e a floresta. Paralelamente, a oferta de produtos oriundos de outras localidades – como tomate, cenoura e batata – demonstra a inserção de Porto de Moz em redes de abastecimento mais amplas, conectadas a cidades vizinhas e a centros regionais. Essa articulação multiescalar pode ser observada no Gráfico 1, que apresenta a origem das mercadorias comercializadas, revelando a convivência entre práticas tradicionais de produção ribeirinha e fluxos externos que abastecem o mercado local.

Gráfico 1. Origem das mercadorias da feira Municipal.



Fonte: Ledtam (2023).

Os dados de campo evidenciam que, embora a maior parte das mercadorias comercializadas na feira de Porto de Moz seja proveniente de cidades vizinhas ou capitais regionais, os produtos oriundos da Reserva Extrativista Verde para Sempre possuem uma relevância que ultrapassa a lógica estritamente volumétrica. Entre os itens mais expressivos destacam-se a farinha de mandioca e a farinha de tapioca, que, mais do que simples alimentos, representam a base da alimentação amazônica e a continuidade de práticas coletivas de produção.

O pescado, além de garantir subsistência, materializa a relação vital da população com os rios, elemento estruturante da identidade ribeirinha. O mel de abelha nativa, por sua vez, carrega saberes tradicionais transmitidos entre gerações, assumindo valor simbólico e cultural associado tanto ao uso cotidiano quanto medicinal.

Os óleos de andiroba e copaíba, mesmo em menor escala, remetem à medicina popular e ao uso sustentável dos recursos florestais, expressando a profundidade histórica dessas práticas. Já as sementes nativas revelam não apenas potenciais de cultivo, mas sobretudo um compromisso com a preservação do território e da biodiversidade regional.

Dessa forma, a presença desses produtos na feira municipal não pode ser avaliada apenas por critérios quantitativos. Eles materializam práticas extrativistas e modos de vida que sustentam a economia moral da floresta, fortalecendo os vínculos entre as comunidades e a cidade. Ao abastecer a feira, tais itens reafirmam a identidade ribeirinha, atualizam tradições e consolidam Porto de Moz como espaço em que a cultura local se sobrepõe ao simples fluxo mercantil.

Em contraste, os produtos provenientes de outras regiões – embora fundamentais para garantir volume e diversidade no abastecimento – pouco contribuem para a afirmação da identidade local. Os itens da RESEX representam aquilo que há de mais genuíno na relação entre cidade e floresta, sendo símbolos de pertencimento, resistência e reprodução cultural. Por isso, configuram a feira como espaço privilegiado de mediação territorial.

Quadro 1. Comparação entre produtos da RESEX e produtos externos comercializados na feira municipal de Porto de Moz.

Aspecto	Produtos da RESEX (farinha, pescado, mel, óleos, sementes)	Produtos externos (tomate, batata, cenoura, beterraba etc.)
Origem	Comunidades ribeirinhas da RESEX Verde para Sempre	Cidades vizinhas (ex.: Gurupá) e capitais (Belém, Macapá)
Escala de produção	Pequena, artesanal e voltada à subsistência	Média e grande escala, voltada ao abastecimento regional
Valor econômico	Renda complementar, mas fundamental para famílias locais	Sustenta parte significativa do volume comercializado
Valor simbólico/cultural	Altíssimo: reforça identidade ribeirinha, tradições extrativistas e modos de vida amazônicos	Baixíssimo: não possui vínculo direto com a cultura local
Função social	Fortalecimento de laços comunitários, transmissão de saberes, reprodução cultural	Garantia de diversidade alimentar e suprimento da demanda urbana
Representação territorial	Expressa a relação cidade-floresta e a resistência cultural	Representa a dependência de fluxos externos e fragilidade da agricultura local

Fonte: Ledtam (2025).

Os produtos provenientes da RESEX Verde para Sempre, embora representem uma parcela menor do volume total comercializado, possuem um valor simbólico e cultural amplamente superior. Eles reafirmam práticas ribeirinhas e extrativistas, fortalecem a renda das famílias e, sobretudo, consolidam os vínculos entre a cidade e a floresta. Ao abastecer a feira municipal, esses produtos não apenas garantem alimento, mas também renovam tradições e identidades coletivas, transformando o espaço urbano de Porto de Moz em uma extensão viva da RESEX.

A feira municipal afirma-se, assim, como espaço estratégico de mediação entre a cidade e a reserva. É nela que os produtos extrativistas, ainda que em menor quantidade, materializam modos de vida ribeirinhos, reafirmando identidades territoriais e reforçando a continuidade de práticas culturais. Nesse processo, a feira ultrapassa a função estritamente econômica: torna-se um espaço de sociabilidade, de encontro e de integração entre o urbano e a floresta, revelando sua centralidade na reprodução da vida social e na articulação das múltiplas dimensões do território amazônico.

De acordo com os comerciantes, a feira não funciona apenas como ponto de venda, mas também como destino de consumo para a população das comunidades ribeirinhas. No início de cada mês, quando famílias recebem salários e benefícios, intensifica-se o fluxo de pessoas que se deslocam pelo rio em busca da feira para adquirir produtos de primeira necessidade, diversificar a alimentação e participar das interações sociais que esse espaço favorece.

Outro período de grande movimento ocorre durante o verão amazônico, entre junho e outubro. Nesse intervalo, além dos ribeirinhos, turistas atraídos pelas praias e festivais culturais passam a frequentar a feira, ampliando a circulação de mercadorias e reforçando seu papel como espaço de encontro, convivência e integração territorial.

Dessa forma, a feira municipal assume um papel de convergência das comunidades ribeirinhas, onde se estabelecem trocas econômicas, culturais e simbólicas que conectam o núcleo urbano à vida cotidiana da RESEX. Nessa dinâmica, Porto de Moz expressa formas próprias de trabalho e sociabilidade, das quais a feira é uma de suas representações mais significativas. O predomínio do trabalho informal e familiar, aliado à continuidade de práticas de comercialização transmitidas entre gerações, revela uma economia marcada por temporalidades lentas, na qual convivem tradição e modernização.

Essa configuração resulta de processos históricos de ocupação e exploração da Amazônia, que deixaram marcas profundas na organização territorial. A cidade apresenta, assim, dinâmicas produtivas complexas: de um lado, a permanência de práticas tradicionais vinculadas ao extrativismo e à agricultura familiar; de outro, a influência de fluxos externos, seja pelo ingresso de mercadorias, seja pela presença de atividades como a madeira e a pecuária bubalina.

Nesse contexto, Porto de Moz pode ser compreendida como uma cidade ribeirinha, conforme discutido por Trindade Jr. e Tavares (2008), na qual o rio não é apenas uma via de circulação, mas um elemento estruturante da vida social, econômica e simbólica. O rio Xingu, ao conectar comunidades e cidade, sustenta a feira como espaço privilegiado de articulação entre a RESEX e o ambiente urbano, transformando o comércio em uma forma de mediação territorial.

Portanto, mais do que um espaço de abastecimento, a feira municipal materializa a interdependência entre a cidade e a floresta. É o lugar onde se encontram circuitos econômicos, práticas culturais e identidades coletivas, revelando que a reprodução da vida social em Porto de Moz depende dessa articulação permanente. Nesse sentido, a cidade reafirma sua condição ribeirinha: marcada pelo rio, atravessada pela floresta e enraizada em práticas que fazem da feira um verdadeiro espelho de sua dinâmica territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permitiu compreender que a feira municipal de Porto de Moz constitui-se como um espaço central de mediação socioespacial entre a cidade e a Reserva Extrativista Verde para Sempre. Mais que um simples ponto de comercialização, a feira expressa práticas ribeirinhas e extrativistas que reafirmam identidades coletivas e fortalecem os vínculos entre famílias, comunidades e o espaço urbano.

Os resultados mostram que, embora os produtos externos – oriundos de cidades vizinhas e capitais regionais – representem a maior parte do volume comercializado, são os produtos provenientes da RESEX que carregam o maior valor simbólico e cultural. Farinha, pescado, mel e óleos vegetais constituem não apenas mercadorias, mas saberes, tradições e formas de sociabilidade que sustentam a vida ribeirinha e conferem a Porto de Moz suas singularidades amazônicas.

Nesse sentido, a feira municipal atua como elo vital entre o urbano e a floresta, revelando Porto de Moz como cidade essencialmente ribeirinha: marcada pelo rio, atravessada pela floresta e sustentada por práticas sociais que se reproduzem cotidianamente em seu espaço de encontro.

Como toda pesquisa, este estudo apresenta limitações. A análise concentrou-se em comerciantes e consumidores da feira, o que indica a necessidade de que futuras investigações incluam políticas públicas de incentivo à agricultura familiar e ao extrativismo sustentável, bem como aprofundem a compreensão sobre os impactos da pecuária bubalina na reorganização territorial do município.

Conclui-se, portanto, que a feira municipal não se limita a sua função econômica: ela constitui um locus de sociabilidade, resistência cultural e integração territorial. Ao materializar a interdependência entre cidade e natureza, torna-se um dos principais elementos de reprodução da vida social e da identidade ribeirinha na Amazônia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A economia moral da floresta:** extrativismo na Amazônia. Manaus: UEA Edições, 2009.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia:** geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2024.
- CASTRO, Edna. **Cidades na floresta:** desafios e dinâmicas do desenvolvimento amazônico. Belém: Paka-Tatu, 2024.
- CASTRO, Edna. **Urbanização na Amazônia.** Belém: UFPA, 2025.
- CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica:** práticas e reflexões. São Paulo: Contexto, 2012.
- CORNÉLIO, Roberto. **Espaço ribeirinho e sociabilidade na Amazônia.** Belém: Paka-Tatu, 2021.
- COUTINHO, Ronaldo. **Cidades pequenas:** dinâmicas e especificidades. Campinas: Alínea, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14.

ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

PINTO, Ana Carolina. **História de Porto de Moz:** do aldeamento à cidade ribeirinha. Belém: Pakatatu, 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Território:** sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRINDADE JR., Saint-Clair; TAVARES, Maria Goretti. **Cidades ribeirinhas na Amazônia:** novas leituras e perspectivas. Belém: UFPA/NAEA, 2008.